

O AMOR NO MEIO DO REDEMUNHO¹: MEMÓRIA, PALAVRA, REPARAÇÃO**LOVE IN THE MIDDLE OF THE SWIRL: MEMORY, WORD, REPARATION**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2023v14n3p115-134

Natália Calderan Rissi²
Diana Junkes Bueno Martha³

Resumo: Neste artigo, debruçamo-nos sobre a ótica do desejo de Riobaldo por Diadorim, pensando tal desejo na chave do homoerotismo, uma vez que, para Riobaldo, Diadorim era um homem. O estudo do amor homoerótico de Riobaldo por Diadorim não é mais original em si, ainda assim, Riobaldo ainda é calado por parcela da crítica que desconsidera o que é bastante explícito. Nesse sentido, tanto a abordagem do romance, como os diálogos entre teorias que mobilizam alguns conceitos de psicanálise, referências a Walter Benjamin e análise literária articulam-se aqui de maneira não usual para dar voz aos sentimentos de Riobaldo.

Palavras-chave: Grande sertão: veredas, homoerotismo, desejo.

Abstract: In this article, we focus on the perspective of Riobaldo's desire for Diadorim, considering such desire in terms of homoeroticism, since, for Riobaldo, Diadorim was a man. The study of Riobaldo's homoerotic love for Diadorim is no longer original in itself, even so, Riobaldo is still silenced by a portion of the critics who disregard what is quite explicit. In this sense, both the approach to the novel and the dialogues between theories that mobilize some concepts of psychoanalysis, references to Walter Benjamin and literary analysis are articulated here in an unusual way to give voice to Riobaldo's feelings.

Keywords: Grande sertão: veredas, homoeroticism, desire.

1 Riobaldo: testemunha de si mesmo

*mas as coisas lindas
muito mais que findas
essas ficarão*

Carlos Drummond de Andrade

Toda história é remorso
Carlos Drummond de Andrade

¹ Redemunho é a escolha lexical rosiana e por isso optamos por utilizá-lo; sem aspas, uma vez que é dicionarizado.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação de Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: natalia.rissi@ufscar.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7670-4651>

³ Professora do curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação de Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos. E-mail: dijunkes@ufscar.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5465-8030>

*Grande Sertão: Veredas*⁴, romance de Guimarães Rosa, publicado em 1956, é narrado por Riobaldo Tatarana, um velho fazendeiro e ex-jagunço aposentado. Em seu relato, ele narra sua história, de maneira fragmentada e sem ordem cronológica, para um interlocutor que ouve pacientemente os acontecimentos de sua vida pregressa. Destacam-se, na narrativa, além de temas caros ao protagonista, como o sertão e a jagunçagem, o enfrentamento de Hermógenes, a existência do diabo, a guerra entre os bandos de jagunços inimigos e, principalmente, o amor por seu amigo e companheiro de jagunçagem, Reinaldo/Diadorim.

Em vista disso, parece-nos produtivo, entre tantos aspectos já fartamente abordados, tomar *Grande Sertão: Veredas* como uma narrativa do desejo de Riobaldo por Diadorim, que encontra, na lembrança, uma via de realização. Narrativa, nesse contexto, não se trata apenas do ato de narrar, mas de narrar a experiência⁵, como forma de elaboração (FREUD, 2010); de relatá-la para alguém, transformando aquilo que o Real⁶ não permitia alcançar enquanto vivido, em possibilidade vivível, pela via do Simbólico (LACAN, 1998). Riobaldo utiliza-se do relato para reviver os anos anteriores de jagunçagem e realizar o encontro de amor com Reinaldo (Diadorim), uma vez que não pôde ser realizado quando este estava vivo⁷. O que se propõe é que, na medida em que lembra, Riobaldo passa a nomear sentimentos que antes pairavam na orla do “impossível de dizer”, ou seja, do Real; algo que se repetia sem que pudesse ser conhecido efetivamente, uma vez que é apenas o que se nomeia que sai do plano do inconsciente para o consciente.

Na medida em que, como se verá adiante, Riobaldo vai tomando posse da palavra como possibilidade de nomeação deste amor, há uma passagem do impossível de dizer do Real ao

⁴ Neste artigo, faremos a referência a *Grande Sertão: Veredas* como GSV.

⁵ A este respeito, ver BENJAMIN, W. O contador de histórias. In.: *Linguagem, tradução, literatura* (filosofia, teoria e crítica). Tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005.

⁶ Mobilizaremos, neste artigo, alguns conceitos lacanianos que se nos apresentam profícuos para a perspectiva da discussão proposta. Um dos cerne da reflexão lacaniana é o entrelaçamento entre os registros do Real, Simbólico e Imaginário, representados graficamente como três círculos em intersecção, Esses registros correspondem, segundo Lacan, à realidade humana (LACAN, 1998) O Real é aquilo que é não simbolizável pela palavra, é impossível de dizer, algo que se torna apreensível e inteligível somente quando o sujeito pode nomear o fenômeno em questão. Tal nomeação passa por dois registros, o do Imaginário, que pode ser definido como o que faz corpo, o que faz sentido, e o do Simbólico, da linguagem em função comunicativa essencialmente, do duplo sentido (VIEIRA, 2009)

Disponível em https://www.litura.com.br/curso_repositorio/rsi_ii_os_tres_registros_e_os_tracos_1.pdf Acesso: 24/11/2023. Chaves, 2009 (Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/X5hgYmKhNJwGfnbbV5BB7Hj>). Acesso 24/11/2023.

⁷ Neste artigo, seguiremos usando o marcador de gênero masculino para Diadorim, “respeitando” o uso desse marcador por Riobaldo, ao longo de todo o romance, mesmo sabendo que havia um corpo de mulher em Diadorim.

Imaginário e, então, ao Simbólico, onde enunciar o amor acaba por concretizá-lo ainda que não seja possível mais vivê-lo efetivamente.

O que se propõe aqui como contribuição e avanço aos estudos rosianos voltados para GSV é que podemos ancorar essa narrativa como forma de elaboração da perda, em sentido psicanalítico, como trabalho de luto (FREUD, 2013), aspecto já explorado pela fortuna crítica da obra e, simultaneamente, como uma realização do amor, pela assunção da homoafetividade desse amor pela *via da linguagem*, isto é, pela possibilidade de nomeação dos sentimentos, arrancando-os do inominável e passando-os à realidade do pensamento, da palavra. Avançando um pouco mais nessa perspectiva tem-se que, em sua complexidade, o relato também é testemunhal.

A forma narrativa em sua *teia tênue*⁸ arquiteta imbricados modos de enfrentar uma espécie de trauma. É como se a “testemunha”, nesse caso, Riobaldo, fosse partícipe daquilo que o traumatizou também. Sabemos, com a psicanálise, que o avanço não está no fato de o sujeito saber-se vítima de uma situação, mas de suportar saber qual foi o seu papel na situação que o vitimou⁹. Esta é, inclusive, a beleza maior de GSV em sentido trágico, ou seja, o herói trágico é, amiúde, o que causa a si mesmo a dor que lhe é impingida não porque queira, mas porque *erra*¹⁰.

Márcio Seligmann-Silva pontua que:

[...] podemos caracterizar, portanto, o testemunho como uma atividade elementar, no sentido de que dela depende a sobrevivência daquele que volta do Lager (campo de concentração) ou de outra situação radical de violência que implica esta necessidade, ou seja, que desencadeia esta carência absoluta de narrar [...] A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outridade, de romper com os muros do Lager. A narrativa seria a picareta que poderia ajudar a derrubar este muro. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p.66).

⁸ Valemo-nos aqui do sintagma cabralino, do poema “Tecendo a Manhã” (para que a manhã desde uma teia tênue) (MELO NETO, 1997, p.14) para marcar que a narrativa, tal qual os cantos de galo do poema, tecida com as várias vozes, trazidas à luz pela voz de Riobaldo, bem como a dele próprio, elaborando uma espécie de “verdade”, a do amor. Tênué porque não livre da opacidade, da linguagem, dos sentimentos.

⁹ Evidentemente que aqui não se estão considerando as catástrofes históricas, como a Shoah, os genocídios dos negros no Brasil a cada segundo. Nada disso. Estamos no âmbito do trauma individual, em que, de algum modo, a participação do sujeito, por indefeso que fosse, também o levou a viver a experiência limítrofe da dor. É o que ocorre a Édipo, por exemplo.

¹⁰ Exemplo dessa constatação está em *Édipo Rei*, de Sófocles. Como afirma Trajano Vieira em nota à tradução da peça sofocliana: “Édipo é grande não em virtude de uma grande posição no mundo, pois esta posição é ilusão; ele é forte para perseguir uma verdade, a sua, é forte para aceitá-la e suportá-la: ‘Esse horror é meu, e ninguém além de mim é forte o suficiente para suportá-lo.’ Édipo é grande porque aceita a responsabilidade por seus atos, incluindo os que são mais aterradores, embora subjetivamente inocentes” (VIEIRA, 2009, p.170).

Propomos aqui tratar o trauma circunscrito à experiência pessoal, diferentemente do trauma histórico abordado por Seligmann-Silva (op.cit), mas valendo-nos de suas importantes lições. Não é o sistema jagunço que é traumático para Riobaldo, e que o oprime; dado que ele é o líder do bando de jagunços e forjado neste sistema que lidera. É, antes, o conjunto de normas e mesmo a ética do desejo implicada nesse sistema que o conduz à repressão de seus sentimentos por Diadorim, porque supõe que ele seja um homem. A violência impingida a Riobaldo foi aquela que ele mesmo impôs a si, sacrificando seu desejo, inicialmente incapaz de nomeá-lo, posteriormente, culpando-se e envergonhando-se por desejar outro homem, o que levava tal desejo ao plano do irrealizável, para, finalmente, compreender o amor e a beleza do que viveu, ainda que parcialmente.

É da experiência não-nomeável, imaginada com fissuras e lacunas, marcada por dor profunda, que trata o relato testemunhal, por isso ela passaria, segundo nossa leitura, do plano do Real lacaniano ao que seria possível de viver imaginariamente e narrável, do ponto de vista do Simbólico.

A narrativa, picareta para derrubar o muro do Real, ou, melhor dizendo, para transpor o plano em que o não nomeável passa a ser nomeado, traria para o plano do Simbólico a possibilidade de ponte entre o sujeito desejante e seu desejo, entre ele e os outros. Por isso, a narrativa testemunhal é tão humanizadora, porque por meio da palavra, devolve o sujeito à vida, mesmo que essa vida, no caso de nosso protagonista, seja apenas a possibilidade de falar sobre o amor não vivido em sua plenitude. A narrativa, portanto, faz um ponto de estofo.

Em outras palavras, Riobaldo articula sua narrativa pela memória e, portanto, pelo seu ponto-de-vista, estabelecendo, para além da rememoração do encontro com Diadorim e dos anos de luta ao lado dele, uma espécie de expiação de culpa por ter amado outro homem e por não ter vivido o grande amor de sua vida.

Afastando-nos de Freud, que não assumiria aqui um caráter exatamente curativo para a elaboração via narrativa, para Walter Benjamin, o ato de narrar tem potência curativa¹¹. Entendemos aqui a potência curativa como reparação, algo que não anula o vivido, mas o repropõe quando alguém assume a responsabilidade sobre a dor causada à vítima. Tomando o

¹¹ Benjamin (1987) escreveu sobre o poder de cura do ato narrativo: “Daí vem a pergunta se a narração não formaria o clima propício e a condição mais favorável de muitas curas, e mesmo se não seriam todas as doenças curáveis se apenas se deixassem flutuar para bem longe – até a foz – na correnteza da narração. Se imaginamos que a dor é uma barragem que se opõe à corrente da narrativa, então vemos claramente que é rompida onde sua inclinação se torna acentuada o bastante para largar tudo que encontra em seu caminho ao mar do ditoso esquecimento. É o carinho que delineia um leito para essa corrente” (BENJAMIN, 1987 (b), p. 269).

testemunho como um relato que institui uma demanda de reparação, sendo Riobaldo testemunha de si mesmo e tendo sido ele, e ninguém mais, que lhe impôs a dor sofrida por recalcar os seus sentimentos, é ele mesmo que ao ouvir-se poderá reparar esta dor, não no sentido de perdoar-se por ela, mas no sentido de reparação das dores do passado¹².

Talvez possamos nos valer de uma produtiva aproximação entre a reparação e o restauro, tal qual o entende Hobsbawn em *Sobre a história* (2013). O restauro, como gesto, na impossibilidade de reerguer o vivido, assume que o ato de restaurar é inventivo, ou seja, há um componente criativo no restaurar, imposto pela impossibilidade da repetição, assim como há, segundo aponta Seligmann-Silva, algo de ficcional no testemunho. A abertura para a reparação, para a restauração, via relato, depende de que a história seja recontada, de outro lugar, pela mesma voz, ainda que forçosamente outra pela imposição do tempo. GSV é, assim, sobre a “hora e vez de Riobaldo” ou uma espécie Pierre Menard (BORGES, 2007)¹³ a tentar reproduzir o amor, a luta vã contra os moinhos de vento, embora fossem absolutamente reais, no caso de Riobaldo, os moinhos e os sonhos.

Convocar aqui Augusto Matraga significa apontar alguns elementos da obra rosiana menos abordados. Seja no conto “O Espelho”, seja na reinvenção de si que há em Matraga, ou mesmo nos óculos de Miguilim, a obra de Rosa nos aponta para o fato de que sempre podemos ser outros do que somos, podemos ver de modo diverso e podemos, sim, nos tornar melhores do que somos, enfrentando medos, monstros internos – nós mesmos, os diabos no meio da rua do redemunho. Mas também podemos atingir o polvilho branco, substância do amor - como no conto Substância, em *Primeiras Estórias* (ROSA, 2001) - a esperança dos “audazes navegantes”. A vida é margem, algumas vezes alegre, e nos cimos, outra no mais amargo da enxurrada que leva o burrinho pedrês para longe da margem e tão só. Margem. Guardemos esta ideia para retomá-la no momento em que o pau de vinhático a reivindicar.

Narrativa e memória são, pois, implicadas em GSV. A memória é o fio condutor da narrativa, e esta é que revela a experiência de Riobaldo: uma experiência que vai sendo reconstruída pelo relato, que é proferido por meios dos rastros deixados pelo passado, conforme

¹² Essa reparação é mais ampla, estamos restringindo ao caráter pessoal, mas há uma dimensão histórica e social forte que determinaram as ações de Riobaldo e que não podem ser desconsideradas quando se fala de reparação, trata-se do sistema jagunço. Retomaremos esse ponto mais adiante.

¹³ Sabemos que o personagem borgiano visava escrever D. Quixote reproduzindo exatamente tudo o que Cervantes escreveu, reencenando o mesmo Quixote e que se depara com a impossibilidade de repetir. Assim é o restauro, na perspectiva de Hobsbawn. Há sempre algo que escapará, por mais que se tente equiparar o restauro ao original. A reparação traz em si a marca da impossibilidade de dirimir o trauma ou a injustiça sofridos, mas de algum modo reinstaura uma possibilidade de existência a partir dos gestos reparadores. O que resta de irrepitível, certamente, é da ordem do Real.

as proposições de Ricouer (1997, p. 200). Para a estudiosa Jeanne-Marie Gagnebin (2009), o conceito de rastro pressupõe uma fragilidade, uma vez que um rastro é a lembrança de algo que não está mais presente e pode se apagar para sempre.

Ela afirma:

Porque a reflexão sobre memória utiliza tão frequentemente a imagem – o conceito de rastro? Porque a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente. Riqueza da memória, certamente, mas também *fragilidade* da memória e do rastro (GAGNEBIN, 2009, p. 44, grifo da autora).

A estudiosa entende que o conceito de rastro, o qual revela a fragilidade da memória, paradoxalmente, ao mesmo tempo, elucida a necessidade de “lutar contra o esquecimento” (GAGNEBIN, 2009, p. 44), o que significa manter na memória, ou seja, no presente, o que realmente importa e essa manutenção é tanto mais possível quanto for narrável, simbolizável. A memória é um passado que não cessa de se escrever. Podemos pensar, mais uma vez, a partir do testemunho:

Piralian [Hèléne Piralian] fala também, e de modo muito feliz, de uma tridimensionalidade advinda da simbolização. Ao invés da imagem calcada e decalcada, chata, advinda do choque traumático, a cena simbolizada adquire tridimensionalidade. A linearidade da narrativa, suas repetições, a construção de metáforas, tudo trabalha no sentido de dar esta nova dimensão aos fatos antes enterrados. Conquistar esta nova dimensão equivale a conseguir sair da posição do sobrevivente para voltar à vida. Significa ir da sobre-vida à vida. É claro que nunca a simbolização é integral e nunca esta introjeção é completa. Falando na língua da melancolia, podemos pensar que algo da cena traumática sempre permanece incorporado, como um corpo estranho, dentro do sobrevivente. Na cena do trabalho do trauma nunca podemos contar com uma introjeção absoluta. Esta cena nos ensina a sermos menos ambiciosos ou idealistas em nossos objetivos terapêuticos. Para o sobrevivente sempre restará este estranhamento do mundo advindo do fato de ele ter morado como que “do outro lado” do campo simbólico. (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 69).

Esse outro lado é aquele que, acompanhando as contribuições de Jacques Lacan (1998), denominamos Real. Para avançar um pouco na apropriação das noções de trauma e testemunho que aqui são mobilizadas são necessárias algumas considerações. A situação amorosa de Riobaldo foi experienciada por ele como uma dor silenciada, para dizer melhor, recalçada. O que desencadeia essa espécie de trauma singular é o choque contundente, é a descoberta de Diadorim mulher. Uma mulher ele não poderia amar, porque não seria esta a direção do seu desejo.

E é aí, na formulação do desejo pela via de sua nomeação, porque se torna narrável a experiência (BENJAMIN, 1987), que a dor indefinida migra do Real e entra no Simbólico, a partir da revelação. Deste choque e na contramão do silenciamento que usualmente define o trauma é que, por sua via, Riobaldo ultrapassará o recalque e falará e sobretudo *reconhecerá a si mesmo*¹⁴. Diadorim mulher *interpela o desejo* de Riobaldo. É quando ele concede a si a possibilidade da narrativa, da confissão aberta, até humilde, que um Riobaldo outro poderá emergir e, na medida em que se desenvolve esta reconfiguração da subjetividade, a elaboração é empreendida. Dizendo mais poeticamente, é na narrativa que o amor e toda a poeticidade que ele mobiliza encontram meios de re-existir: pela linguagem, no ato narrativo, o amor é fábula que põe-se em ata e põe em ato o sujeito: “Em Diadorim, penso também – mas Diadorim é minha neblina...” (ROSA, 2019, p. 25).

Riobaldo, momentos antes de falar sobre o encontro com o Menino, que posteriormente o leitor descobrirá que se trata de Reinaldo/Diadorim, no porto do Rio de Janeiro, relata ao seu paciente ouvinte:

A lembrança da vida da gente se guarda em *trechos diversos*, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem se misturam. *Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância*. De cada movimento que eu real tive, da alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado. *Assim eu acho, assim eu conto*. O senhor é bondoso de me ouvir. Tem *horas antigas* que ficaram *muito mais perto da gente* do que outras, de recente data. O senhor mesmo sabe” (ROSA, 2019, p. 76 - 77, grifo nosso).

Seguindo seu próprio método, guiado pelos seus sentimentos e pelos trechos diversos da sua vida – que aqui interpretamos como os rastros de que fala Ricouer (1997) –, Riobaldo inicia a narrativa do romance falando sobre tiros: “Nonada! Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não. Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto: desde mal em minha mocidade” (ROSA, 2019, p. 13).

O ex-jagunço já se apresenta como exímio atirador, em uma posição de poder dentro do sistema jagunço e patriarcal, bem como apresenta o seu gosto por tiros, introduzindo o seu interlocutor e o leitor ao sertão: “O senhor tolere [o barulho dos cachorros e dos tiros], isto é o

¹⁴ Podemos aqui pensar no cego mascando chicletes do conto “Amor”, de Clarice Lispector (1998) que arranca a protagonista de seu lugar e de seu mundo. O corpo de Diadorim é epifânico. É uma “aparição” que completa um sentido, algo latente e inominável até então e, em sendo assim, a morte de Diadorim é limiar, uma abertura a múltiplas passagens. Mesmo que na sequência Riobaldo experiencie a dor da perda de modo contundente, algo se mexeu dentro dele, da pobreza da experiência, por sua agudeza, Riobaldo passará a experiência como relato e é aí, no relato que o amor se fará. Questão de tempo. Trataremos disso mais adiante.

sertão” (ROSA, 2019, p.13). E logo em seguida, fala do Diabo: “Do demo? Não glosos. Senhor pergunte aos moradores. em falso receio, desfalcam no nome dele – dizem só: o *Que-Diga*. Vôte! não... (ROSA, 2019, p. 13).

Cabe notar que os dois temas, primeiramente apresentados pelo narrador, encontram-se no título: *Grande Sertão: veredas*. “O diabo na rua, no meio do redemunho...”. No entanto, o que não encontramos no título, mas ocupa a “matéria vertente” (ROSA, 2019, p. 77) do romance, para dizer com as palavras de Riobaldo, e se estende por suas mais de 400 páginas, é o amor. E Riobaldo fala sobre o seu amor não só para lutar contra o esquecimento, mas para vivê-lo conforme não o tinha podido viver. Por isso, Riobaldo é testemunha de si mesmo.

Para ele, o que realmente parece importar é contar sobre o seu amor por Reinaldo/Diadorim; um amor impossível, interdito, aparentemente, pelas condições sociais e históricas impostas pelo sistema jagunço. Este sistema é baseado em regras coletivas aplicadas aos jagunços, que apesar de serem aqueles que cometem transgressões contra a lei e a ordem para impor a ordem privada dos senhores fazendeiros, dos coronéis, no sertão atuam como agentes da ordem pública. Leonel e Segatto (2005, p.82) afirmam que o sistema jagunço, para Rosa, é a realidade social, política e cultural, que o escritor recria em seu sertão, em que “o jaguncismo pode ser uma forma de estabelecer e fazer observar normas”. O sertão, regido por essas regras, é um lugar de violência, guerra, códigos de honra e virilidade. Nele, o amor não cabe¹⁵, pois não pode ser vivido na plenitude da individualidade, portanto, um amor homossexual cabe ainda menos neste contexto patriarcal e cruel.

Diadorim é apresentado no início do romance, após as colocações, que parecem se entrelaçar¹⁶, de Riobaldo sobre o sertão e o diabo. Ao se lembrar do também ex-jagunço Joé Caruso e do seu arrependimento sobre a vida de jagunçagem, ele narra um episódio em que estava com o ex-colega de bando e que achou que fosse morrer, em meio ao tiroteio contra os soldados do Coronel Adalvino, que era um político. Naquele momento, ele diz:

Concebi que vinha, me matavam. Nem fazia mal, me importei não. [...] Conforme pensei em Diadorim. Só pensava era nele. Um João-congo cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim [...]. Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento ia-voava reto pra ele... (ROSA, 2019, p.22).

¹⁵ Para uma discussão do amor no sistema jagunço rosiano, cf. Rissi, 2020. Na dissertação, a autora propõe uma leitura sobre “Dão-Lalalão” e “Desenredo”, novela e conto de Guimarães Rosa, respectivamente, em que o amor não pode ser considerado fora do contexto social-histórico, o qual tem relação direta com as atitudes das personagens masculinas, protagonistas das narrativas.

¹⁶ Neste artigo, não é nossa pretensão discutir essa relação, entre o sertão e o diabo.

O que observamos com a fala de Riobaldo, no primeiro momento em que cita Diadorim para o doutor que o ouve, é que foi nele que ele pensou na hora que cogitou que ia morrer. É muito comum escutarmos das pessoas que passaram por algum momento trágico e que acharam que iriam morrer, que elas se lembraram das pessoas que amam. Parece já estar dito aí, mesmo que Riobaldo chame Diadorim de amigo, que Diadorim, na verdade, não é apenas um amigo para ele, ainda que, evidentemente, ele apenas reconheça Diadorim como amigo.

A maneira como Riobaldo fala de Diadorim, em todo o romance, não é como se fala de um amigo simplesmente. Ao longo do seu curso narrativo, ele vai relatando a construção desse amor ambíguo e culposo por Diadorim, mas também reafirma a sua inclinação por mulheres, mas que diante da contundência das assertivas e do amor por Diadorim se fragilizam: “Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação para os vícios desencontrados. Repilo o que, o sem preceito” (ROSA, 2019, p. 110). Porém, essa discussão é menor aqui, pois o que se discute não é a inclinação ou não de Riobaldo por mulheres, mas seu amor por um homem.

Em outras palavras mesmo com a reiterada inclinação pelas mulheres, como, entre outras, Otacília nada evitou que se ele apaixonasse por um homem, que era seu companheiro de jagunçagem. Após reafirmar seu gosto por mulheres, o narrador continua:

Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida. Direitinho declaro o que, durando todo o tempo, sempre mais, às vezes menos, comigo se passou. Aquela mandante amizade. Eu não pensava em adiação nenhuma, de pior propósito. Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa-feita. era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? *Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que.* Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairescia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos. (ROSA, 2019, p. 111, grifos nossos).

Retomar esses trechos é importante, pois Riobaldo é um narrador extremamente hábil e narra, em momentos como este, para si mesmo. Trata-se de uma espécie de escuta psicanalítica, mais do que da cura benjaminiana, mencionada anteriormente. Quando afirma “entender mesmo eu não queria” ... “Sei que sim”. Mas não”, está afirmando, via negação, o que já sabe ser a verdade do desejo. Esse aspecto fica reforçado pela interrupção da oração seguinte: “Acho que”. Nesse ponto, o não dito equivale ao dito. Bastante diferente da situação de negação mencionada anteriormente a propósito do interesse de Riobaldo por mulheres, o ponto final

depois de “Acho que.” e a sequência de palavras carinhosas figurativizam o reconhecimento, não como revolta e vergonha, mas com doçura, afeto. Por fim, ao manifestar o desejo pela proximidade, pelo cheiro, o tesão mesmo da proximidade, vai libertando-se do que reprimiu, em suas palavras, renegou.

Aqui cabe mencionar que Riobaldo narra um uma vida pregressa, anos depois dos acontecimentos, quando está velho e doente. Isso significa que há uma intenção do narrador para que seu ouvinte, o doutor, e o leitor saibam que ele, de fato, se apaixonou por um homem, e não por uma mulher, o que fica reiterado na revelação final, que “Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita...” (ROSA, 2019, p. 428). Diadorim não era uma mulher, apenas tinha um corpo de mulher¹⁷. Pois, quando Riobaldo conhece o Menino, imediatamente começa a sentir algo diferente por ele:

eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. [...]. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, mas ficasse, sobre as horas, e assim como estava sendo, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu amigo desconhecido (ROSA, 2019, p. 79),

Aos seus 14 anos, seus sentimentos são dirigidos a outro igual, outro homem, uma vez que a revelação do corpo de Diadorim só é feita a ele quando este morre. A intencionalidade do narrador ao escolher falar do Menino/Reinaldo/Diadorim como homem é fundamental para guiar a nossa leitura, pois nota-se, no relato, por quantos anos Riobaldo carrega a culpa de ter amado outro homem, algo inconcebível para os seus valores: “Gostava de Diadorim, dum jeito *condenado*; nem pensava mais que gostava, mas aí sabia que já gostava em sempre” (ROSA, 2019, p. 73, grifo nosso), além de se sentir culpado pela morte do amado.

É, todavia, importante destacar que essa percepção e nomeação da culpa, da estranheza, do desejo e da dor são possíveis apenas retroativamente, pois quando viveu ao lado de Diadorim, prevalecia a barreira do impossível que, como vimos acima, a picareta do testemunho derruba e permite elaborar. Onde antes havia a culpa, no fim da vida, abre-se um espaço para que as palavras floresçam.

Na medida em que o relato progride, vai tendo lugar a ternura da perda a cada página, a impotência humana diante dos fatos, das escolhas a que estamos sujeitos pelos valores que se adensam, como se adensa a compreensão de que, ao fim e ao cabo, como diria Drummond

¹⁷ Não é o objetivo deste artigo discutir a eventual posição de homem trans de Diadorim, como tem sido já explorada por algumas estudiosas, como Bastos (2016) e Moira (2018).

(ANDRADE, 2015, p. 63), “temos duas mãos e um sentimento do mundo”, ou ainda, como anuncia a nossa epígrafe: “toda história é remorso” (ANDRADE, 2015, p. 245).

Retomando a culpa, esta pode ser vista em alguns momentos em que Riobaldo demonstra uma espécie de não conformidade com os seus sentimentos, mas, além dela, era também capaz de ficar vislumbrado com a presença do outro jagunço, como ocorre neste trecho:

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos-vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança. *Mas repeli aquilo. Visão arvoada.* Como que eu estava separado dele por um fogueirão, por alta cerca de achas, por profundo valo, por larguez enorme dum rio em enchente. De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! *Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa?* Eu era o chefe. O sertão não tem janelas nem portas. E a regra é assim: ou o senhor bendito governa o sertão, ou o sertão maldito vos governa... Aquilo eu repeli? (ROSA, 2019, p. 355).

No trecho acima, Riobaldo compara Diadorim à imagem de uma santa, ou seja, da virgem que era “belezas e amor”, que aparece, no primeiro momento, como uma musa inspiradora. Mas, imediatamente, repele e questiona seus sentimentos. Esse trecho abre-se num caleidoscópio de novos sentidos. É um trecho avançado da obra, há a elaboração dos seus sentimentos em curso, a expiação em curso: o amor em curso feito um Rio baldo¹⁸. Ao interrogar-se “ele tinha culpa? eu tinha A culpa?”, o narrador assinala que não se tratava mais de culpar-se. A cura aqui, obviamente, diz respeito a sentir-se curado da culpa de amar um homem, porque esse sentimento não pode ser mensurado e arbitrado como erro, é o que é. “Aquilo eu repeli?”, não mais. Não mais. Ele era o chefe no sertão, portanto, jamais poderia nutrir amor por outro homem. Note-se a diferença do modo de lidar com o sentimento entre o excerto acima e este, do início do romance: “A vai, coração foi meu forte. Sofisme: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas as palavras? Reajo que repelia. Eu? Asco!” (ROSA, 2019, p. 51). O asco se dilui no narrado, nas palavras que são picareta (ou

¹⁸ Talvez essa seja uma nota desnecessária, mas vale a pena elucidar alguns sentidos para garantir a discussão. O nome Riobaldo, quando separado, forma os sintagmas “rio” e “baldo” e propomos aqui que o amor de Riobaldo vai seguindo um curso, como segue um rio e o segue com incompletude, valendo-nos do sentido de baldo. O rio e os nomes são elementos importantes neste romance, assim como na obra rosiana, mas a discussão sobre tais temas extrapolam as proporções deste artigo. Lembramos apenas que é bastante sabido que a composição do nome de Riobaldo, joga com os sentidos, já que baldo significa “desprovido de algo”.

plumas?) (SELIGMANN-SILVA, 2008) a destruir os muros de Riobaldo frente o poder avassalador e belo do amor.

O asco e a repulsa nos parecem palavras que o narrador escolhe usar para ludibriar seu interlocutor e o seu leitor, para que esses continuem acreditando na sua orientação heterossexual, que vem precedida de determinadas atitudes sociais esperadas da masculinidade, as quais podemos chamar de performance de gênero. A heterossexualidade, confundida, obviamente, como “macheza” e “virilidade”, no sertão, é um elemento importante entre os jagunços, pois são atributos que caminham conjuntamente com a masculinidade¹⁹. Riobaldo, ao tentar repelir o seu amor por Diadorim, quer reafirmar uma postura para se manter em uma posição de poder, que só é possível dentro da heteronormatividade. Porém, uma vez que é ele quem narra e conduz a história, a partir da sua própria experiência, com um lapso de tempo entre o passado e o presente da narração, ele mesmo vai permitindo que o narrado se converta em sublimação, em algo que filtre da dor as coisas mais lindas, o amor. . .

2 Reparação e redenção: *as coisas findas ficarão*

Afirmamos que Riobaldo narra a sua experiência para alcançar a superação por ter amado seu companheiro de bando. É um trabalho de luto pela sua morte e a possibilidade de viver seu amor, pela linguagem, pela narrativa; amor que não pode ser experienciado de fato a não ser pela palavra. Palavra que re-para e se abre como redenção. Cabe dizer aqui que a grande motivação do discurso narrativo da experiência de Riobaldo, conforme Bolle (2204, p. 221) chama a atenção, é o luto²⁰: “*Grande Sertão: Veredas* é, em primeiro plano, um trabalho de luto individual, pessoal [...]”. Ao longo deste artigo procuramos avançar no sentido de apontarmos que o luto é apenas uma das facetas de GSV, a nomeação do desejo e a possibilidade de vivê-lo pela palavra são outras. Por isso, retomamos aqui a epígrafe drummondiana, foi preciso perder para fazer perviver: “as coisas lindas/ muito mais que findas/essas ficarão” (ANDRADE, 2015, p. 224)

Vejamos como Riobaldo narra a experiência vivida após a morte de Diadorim:

¹⁹ Queremos aqui insistir que o tema da ausência da “macheza” nos homossexuais é um reforço do preconceito e é um clichê, qual seja, o de que todo homossexual é, necessariamente, afeminado. Ou de que para ser homossexual é condição ser afeminado. Caberia perguntar: o que é ser homem? o que é ser viril? O que é ser mulher? A discussão extrapola os limites deste artigo, mas é marcada no discurso de Riobaldo. Em nossa análise, evitamos acompanhar Riobaldo por acreditarmos que isso seria reforçar, perversamente, estereótipos. Outrossim, falamos a partir dele, criticamente.

²⁰ MENEZES (2017) tem um estudo sobre o luto de Riobaldo, o qual o define como “luto manejável”, o qual descreve “um processo que “se maneja”, ou seja, que se leva, que é passível (na medida do possível) de ser vivido, suportado - com o qual é concebível lidar. (MENEZES, 2017, p. 50).

Desapoderei.

Aonde ia, eu retinha bem, mesmo na doidagem. A um lugar só: às *Veredas-Mortas*... De volta, de volta. Como se, tudo revendo, refazendo, eu pudesse receber outra vez o que não tinha tido, repor Diadorim em vida? O que pensei, o pobre de mim. Eu queria me abraçar com uma serrania? Mas, nessa parte, de muito mal me lembro, pelo revés em minha saúde. Ao que eu ia, de repente, me vinha um assombramento de espírito, muita vez tonteei, de ter de me segurar, de cair; e, depois, durante muitos espaços, eu restava esquecido de tudo, de quem eu era, de meu nome. Mas o Alaripe, Pacamã-de-Presas, o Quipes, o Triol, Jesualdo, o Acauã, João Concliz, e o Paspé, me cuidavam; esses tinham, por toda a lei, forçado de me acompanharem, vinham comigo; e o Fafafa, mais João Nonato e Compadre Ciril, que vieram depois. Amigos meus. Aí eu vinha. Chapadão. Morreu o mar, que foi.

Eu vim, Pelejei. Ao deusdar. Como é que eu sabia destornar contra a minha tristeza? O dito, vim, consoante, traçado. Num lugar, o Tuim, me alembro: eu tive de mudar para outro cavalo. E um sitiante, no Lambe-Mel, explicou - que o trecho, dos marimbus, aonde íamos, se chamava mais certo não era *Veredas-Mortas*, mas *Veredas-Altas*... Coisa que compadre meu Quelemém mais tarde me confirmou. Daí, mais para adiante, deu para tremer com uma febre Terçã. Mas o sentido do tempo o senhor entende, resenha duma viagem. Cantar que o senhor fosse. De aí, de mim. Namorei uma palmeira, na quadra do entardecer...

Na morna, baqueei, não podendo mais. Me levaram, por primeiro, de revexo. Depois me botaram para dentro duma casa muito pobre. Desembestei doente. Por último, como perdi meu conhecimento, estavam me deitando num catre. Que foi febre-tifo, se diz, mas trelada com sezão, mas sezão forte especial – nas altíssimas! Que a febre que eu tinha era tamanha tanta, como nunca se viu – o Alaripe depois me disse; que no decorrer dos acessos eu tresvariava. Do que, no ouvir contado, recordei a estória dum fazendeiro, o mais maldoso, que o demônio por fim salteou, por suas ruindades: eque, endemoninhado, no quarto de sua casa, uivando lobum, suplicava alívio do calorão, e carecia mesmo que os escravos despejassem nele latas e baldes d'água, ao constantemente, até para evitar que, de tudo devorante tão quente, não viesse e desse de pegar fogo no cômodo, de incêndios... Doidice. Em dança de demônios, que nem não existem. Pois, então, só a doença não bastasse? O tempo que fiquei, deslembrado, detido. O quanto foi? Mas, quando dei acordo de mim, sarando e conferindo o juízo, a luz sem sol, mire e veja, meu senhor, que eu não estava mais no asilo daquela casinha pobre, mas em outra, numa grande fazenda, para onde sem eu saber tinham me levado (ROSA, 2019, p. 430-431).

O excerto mostra a dor latente. Benjamin (2005, p. 148) observa que os soldados voltaram emudecidos após presenciar a guerra, e, a partir desta constatação, relata o declínio da experiência. Entretanto, propomos aqui que é preciso valer-nos da proposição benjaminiana com ressalvas, pois parece-nos que talvez seja a partir da morte de Diadorim que a experiência se tornará possível porque narrável. Aquele Riobaldo que calava sobre sua experiência também vai, aos poucos, com o passar dos anos, embora.

O trecho acima mostra como Riobaldo ficou desestabilizado, que não lembrava quem era, tampouco seu nome, que teve febre tifoide, febre amarela, alucinações. Que ficou “deslembrado, detido” por um tempo que ele mesmo não sabe mensurar. Quando voltou a si, arrancado da experiência, pela dor, como os combatentes benjaminianos, talvez, se deu conta que estava em um lugar que não era para onde se dirigia, mas um lugar que não sabia onde era.

Mas o fato é que antes ele também não sabia onde estava, é como se toda a ficção construída para evitar o desejo por Diadorim se desfizesse.

É aí que a grande batalha tinha início. A “falta de chão” de Riobaldo é que o leva a narrar. Desse modo, se os soldados precisam recuperar a sua capacidade de narrar para ultrapassar o declínio da experiência (BENJAMIN, 2005), Riobaldo é atravessado, cada vez mais, pelo forte desejo de narrar. É neste ponto, nos parece, que talvez haja um necessário afastamento entre as contribuições benjaminianas e o que, em termos de análise, GSV reivindica. Então, o trabalho de Benjamin nos serve de contraponto, porque a despeito do desespero e das febres, é só pela consciência da dor pungente, que é trazida pelo corpo de mulher de Diadorim, que Riobaldo é “tragado” pela sua própria verdade. A experiência depois da morte de Diadorim - e porque ela morre - torna-se narrável o amor e o Diadorim amado. A experiência é elaborável, reparadora, ainda que no primeiro momento a perda tenha tido efeito avassalador.

O aspecto para o qual chamamos atenção se afasta dos estudos desenvolvidos de um modo geral. O que dói não é o fato de que, por Diadorim ser mulher, Riobaldo pudesse, sem ferir os códigos de honra da jagunçagem, tê-la amado. Mas porque era uma mulher, ele percebe *que não a poderia amar a não ser que fosse homem*. Cabe notar o uso do artigo masculino como marcador de gênero no final do romance, revelando a profunda dor da perda do amado: “e, o pobre de mim, minha tristeza me atrasava, consumido. Eu não tinha competência de querer viver, tão acabadiço, até o cumprimento de respirar me secava. E, Diadorim, às vezes conheci que a saudade *dele* não me desse repouso, nem o *nele* imaginar” (ROSA, 2019, p. 433, grifos nossos). Para Riobaldo, Diadorim passa a ser, enquanto ele Riobaldo viver, a pessoa amada.

Ao se recuperar, encontrou-se com Otacília e disse que carecia de tempo, pois tinha amado outra pessoa. Essa afirmação mostra o quanto a morte de Diadorim abriu espaço para a simbolização do que antes não era simbolizável, não poderia ser convertido em palavras. Mesmo depois de ter se casado com Otacília, a dor de Riobaldo permaneceu e dela, ele tinha consciência. Cabe salientar também que o próprio protagonista do romance pontua que consegue contar a sua história, pela primeira vez²¹, ao seu compadre Quelemém, depois de se recuperar e sair em busca de prestar suas homenagens ao Diadorim em seu túmulo, “só que isso

²¹ O que transparece na narrativa, quando o narrador comenta sobre o fato de ter contado sua história ao seu compadre, é que ele pergunta se o homem acha que ele fez o pacto com o diabo. Não sabemos, no entanto, se a história que ele contou a Quelemém é a mesma que ele conta ao doutor e a nós, leitores.

foi mais tarde” (ROSA, 2019, p. 432), tempos depois de sua morte, e que se casou com Otacília “tantos meses depois” (ROSA, 2019, p. 431).

Dessa forma, parece plausível afirmar que ao longo da trajetória atravessada ao lado de Diadorim, a experiência de Riobaldo não podia ser assimilada pelas palavras, parafraseando a estudiosa Jeanne Marie Gangnebin (2009, p. 51). Mas diante da morte terrível de Diadorim e da descoberta de um corpo de mulher em Diadorim, Riobaldo deixa de cercear o seu amor, e assume, para Otacília, como mostramos acima, que amou outra pessoa, e assim ele também põe “a fábula em ata”, como faz Jó Joaquim no conto *Desenredo*, conto de *Tutameia*, por meio da narrativa (ROSA, 2009).

E depois de muito tempo depois que os fatos narrados aconteceram é que ele consegue contar, a um estranho, que aparentemente não fará nenhum tipo de julgamento, a sua história. Narração essa, não podemos nos esquecer, articulada pelo seu ponto-de-vista subjetivo, pelos sentimentos e, principalmente, pela memória, que, conforme apontamos anteriormente, é reconstruída pelos rastros e, portanto, pressupõe uma fragilidade.

3 À Guisa de Inconclusão, ou quando Riobaldo deixa a Terceira Margem

No célebre conto *A terceira margem do rio*, há uma profunda abertura para o contingente. O pai que não parte e não retorna e o filho sempre à espera. Talvez fosse possível pensar aqui, inversamente à análise usual do conto, no ponto de vista do pai e aproximá-lo de Riobaldo. Como aponta Martha:

O pai não retorna porque não parte, ou sua partida é simbólica. Trata-se de seguir em direção a parte alguma e, ao mesmo tempo, em direção de si mesmo. Ao mesmo tempo, essa busca interior é de um imobilismo contundente, já que o remador e sua canoa fixam-se no mesmo trecho do rio, embrenhando-se mato a dentro, mas sempre nas cercanias, de modo que o que o pai procura, o que julga procurar, aprisiona-o naquele recorte da paisagem (MARTHA, 2017, p. 7).

Riobaldo, como o pai de *A terceira margem do rio*, fica aprisionado a algo que não define, não é capaz de parar de amar Diadorim, mas não é capaz de assumir para si mesmo este amor, sequer o nomeia. É Diadorim, como o filho do conto de *Primeiras Estórias*, que parte, e então, a partir daí a vida, o rio e a canoa de vinhático que mencionamos no início do artigo encontram outro rumo. Não sabemos o que houve com o pai de *A terceira margem do rio*, mas sabemos que Riobaldo, ao ser interpelado pelo corpo de Diadorim, teve que se haver com seu desejo. Os temas rosianos se enlaçam, como vimos, em outros contos, e parece-nos que a

aproximação com esta margem abissal, de *A terceira margem do rio*, é interessante e original²². Às vezes, não é possível partir de fato, porque não se tem claro o motivo de partir, ainda que ficar seja impossível. Por paradoxal que possa parecer, é a “morte” que rompe com o impossível de dizer, morte real de Diadorim, morte simbólica de Riobaldo, que se torna outro do que é, a partir do momento em que consegue ver-se a si: falho, desejante, profundamente marcado por um grande e bonito amor.

Retomando o que temos reiterado ao longo deste texto, é nesse sentido que o ato de narrar a sua experiência atua como reparação, como costura, pois Riobaldo articula o passado, por meio da linguagem, para que este, o que viveu com Diadorim, não caia no esquecimento. É a rememoração da qual nos fala Benjamin (1987 (c)).

Para Gagenbin (2009), a rememoração

implica uma certa ascese da atividade historiadora que, em vez de repetir aquilo de que se lembra, abre-se aos brancos, aos buracos, ao esquecido e ao recalçado, para dizer, com hesitações, solavancos, incompletude, aquilo que ainda não teve direito nem à lembrança nem às palavras. A rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente*, em particular a estas estranhas ressurgências do passado no presente, pois não se trata somente de não se esquecer do passado, mas também de agir sobre o presente. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente (GANEGBIN, 2009, p. 55, grifo da autora).

Por essa perspectiva, é possível compreender que é no momento da narração que ele se abre, finalmente, ao amor proibido, interdito pelo seu contexto sociocultural e histórico e as regras patriarcais. Ele se abre para lembrar e viver um amor, que, até aquele momento, não podia ser dito e, portanto, vivido, por isso a narrativa é, de certa maneira, reparadora, por isso rememorar repara as ruínas. É por meio da narrativa, no presente, que ele busca ultrapassar suas dores para, finalmente, ao chegar à velhice, alcançar a sua auto-redenção. Como trabalhamos com dados narrativos, não é possível dizer se a reparação da dor e dos arrependimentos de Riobaldo ocorre efetivamente. Mas o que queremos observar é que ele, enquanto detentor da palavra e do discurso, segue este caminho.

Para Löwy (2005), a rememoração, conforme proposta por Benjamin (1987 (c)), ou seja, a contemplação, na consciência, das injustiças passadas, não é o suficiente. Ou seja, o passado e as dores vivenciadas não podem ser esquecidos: seria necessário haver a reparação dos sofrimentos e da desolação, o que significaria fazer uma “rememoração integral do passado”

²² Até o momento da escrita deste artigo, não encontramos outros trabalhos que seguissem o mesmo caminho de leitura aqui proposto.

(LOWY, 2005, p. 54), algo inatingível. Em outras palavras, ao olhar criticamente o passado, é possível ultrapassar a dor o suficiente para que assim ocorra a redenção.

A redenção só pode ocorrer se houver um esforço crítico ao olhar o passado para reivindicar a sua libertação. A rememoração do passado deve promover uma transformação ativa do presente e é essa transformação que leva à felicidade. A redenção é uma emancipação, uma espécie de libertação, e não é uma certeza, é uma possibilidade, e só pode ocorrer se os sofrimentos humanos não forem esquecidos. Benjamin (1987(c), p. 223) afirma que “o passado traz consigo um índice misterioso, que impele à redenção”, e a redenção, para ele, de acordo com Löwy (2005), é uma apocatástase, que diz respeito à salvação da alma.

Levando em conta que Riobaldo já está velho, talvez sua narrativa seja uma espécie de confissão final, para alcançar uma espécie de absolvição, para que quando chegar sua hora, ele possa morrer em paz. Diadorim sempre dizia a ele: “Carece de ter coragem” (ROSA, 2019, p. 82), e ele só tem a coragem de assumir seu amor após a morte de seu amigo e, no fim de sua vida, na sua narração, atinge o perdão tão esperado ao longo de toda a vida. “Eu tinha a culpa?” (ROSA, 2019, p. 355).

Desta forma, podemos inferir que Riobaldo parece buscar por uma justiça para consigo mesmo, uma libertação. Nesse sentido, Márcio Seligmann-Silva (2009) definiu essa narrativa como testemunhal e confessional. Para ele:

A ideia de *justiça* é a força motriz que está por detrás tanto da confissão, como do testemunho. Uma justiça paira como uma possibilidade de redenção: dos males, das culpas, dos pecados, como uma purificação catártica, que leva o julgado a uma *nova vida* (SELIGMANN - SILVA, 2009, p. 131, grifos do autor).

Trata-se, no caso de Riobaldo, de usar a narrativa como uma revisitação ao passado, para reorganizar sua vida, trazer à tona o que foi que foi suprimido, para usar seu passado como uma força no presente narrativo. Em termos benjaminianos, Riobaldo, rememorando o passado, tira a força necessária para conduzir a narração e alcançar a auto-redenção. Para Benjamin (1987), a redenção só pode ser alcançada se ultrapassarmos a ruína, sem esquecê-la. E a única opção para o jagunço ultrapassar a ruína é narrá-la. A maior ruína do passado de Riobaldo foi ter amado outro homem e não ter realizado o seu encontro amoroso, mas isso é também o que o define, o que o tornou o Riobaldo que narra, o que amou o perdido, mas sabe que “as coisas lindas, muito mais que findas, essas ficarão” (ANDRADE, 2015) e, sobretudo, falarão em paz a sua verdade.

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BASTOS, Laísa Marra de Paula Cunha. Diadorim trans? Performance, gênero e sexualidade em Grande sertão: veredas. In: *14ª semana de Letras da UFOP*, 1º Simpósio de Pós Graduação em Estudos de Linguagem, 18 a 21 de outubro de 2016, Mariana - MG, p. 330-342. Disponível em:

https://www.academia.edu/36429933/Diadorim_Trans_Performance_g%C3%AAnero_e_sexualidade_em_Grande_Sert%C3%A3o_Veredas. Acesso em: 15 jul. 2023.

BENJAMIN, Walter. O contador de histórias. In.: *Linguagem, tradução, literatura* (filosofia, teoria e crítica). Tradução de João Barrento. Lisboa: Assírio e Alvim, 2005. p. 147-178.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987 (a), p. 114-119. Disponível em: <https://bibliotecasocialvirtual.files.wordpress.com/2010/06/walter-benjamin-experiencia-e-pobreza.pdf>. Acesso em 10 jul. 2023.

BENJAMIN, Walter. Cura e conto. In: *Obras escolhidas*. Vol. 2. Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987 (b), p. 269. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/296639/mod_resource/content/1/Benjamin%20Conto%20e%20Cura.pdf. Acesso em 18 nov. 2023.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987(c), p. 222-234. Disponível em: <https://www.psicanalisespolitica.files.wordpress.com/2014/10/obras-escolhidas-vol-1-magia-e-tc3a9cnica-arte-e-polc3adtica.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

BOLLE, Willi. *grandesertão.br*. São Paulo: Livraria Duas Cidades/Editora 34, 2004.

BORGES, Jorge Luis. Pierre Menard, autor del Quijote (1939). In: BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2005, vol. 4, p. 475-482.

CHAVES, Wilson Camilo. Considerações a respeito do real em Lacan. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 14, n. 1, p. 41-46, jan./mar. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/X5hgYmKhNJwGfnbbV5BB7Hj>. Acesso em: 24 nov. 2023.

FREUD, Sigmund. *Luto e melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Cosac & Naify, 2013.

FREUD, Sigmund. Notas sobre “O bloco mágico”. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, volume 16: O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925). Tradução de Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 241-248.

FREUD, Sigmund. Recordar, Repetir, Elaborar. In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*, volume 10: Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreiber”), artigos sobre técnica e outros textos (1911/1913). Tradução de Paulo César de Souza — São Paulo: Companhia das Letras, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/34736914/RECORDAR_REPETIR_E_ELABORAR_1914_NOVAS_RECOMENDA%C3%87%C3%95ES SOBRE A T%C3%89CNICA DA PSICAN%C3%81LIS

E II. Acesso em 15 jul. 2023. p. 147 - 158.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. São Paulo: Editora 34, 2014, p. 197-220.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2009.

HOBBSAWN, Eric. O sentido do passado. In: HOBBSAWN, Eric. *Sobre história*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 25-43.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LEONEL, Maria Celia de Moraes e SEGATTO, José Antonio. Política e violência no grande sertão de Guimarães Rosa. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, vol. 13, no. 1, p. 75-93, 2005. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/259>. Acesso em: 10 jul 2023.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. São Paulo: Rocco, 1998.

LÖWY, Michel. *Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “Sobre um conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARTHA, Diana Junkes Bueno. “Nu corpo da canoa”: desejo, silêncio e sombras em “A terceira margem do rio” relido por Beto Furquim. *Recorte – revista eletrônica*. Mestrado em Letras: Linguagem, Cultura e Discurso, v. 14 - n.º 2, p. 1-18, julho-dezembro - 2017. Disponível em http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/4266/pdf_117. Acesso em 20 jul. 2023.

MELO NETO, João Cabral. "Tecendo a manhã". In: MELO NETO, João Cabral. *Obra completa*. Organização Marli de Oliveira. Rio de Janeiro, Nova fronteira, 1997, p. 14

MENEZES, Pedro Guilherme Bastos. *Morreu o mar, que foi: Riobaldo e o luto manejável no Grande Sertão: Veredas*. 2017. 77f. Dissertação (Mestre em Literatura) - Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MOIRA, Amara. “Monstruoso corpo de delito”: personagens transexuais na literatura brasileira. *Suplemento Pernambuco*, Recife, 10 de dez. de 2018. s.p. Disponível em: <http://www.suplementope.com.br/artigos/2198-monstruoso-corpo-de-delito-personagens-transexuais-na-literatura-brasileira.html>. Acesso em 15 jul. 2023.

NUNES, Benedito. O amor na obra de Guimarães Rosa. In: NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Ed. 34, 2009, p. 137-166.

RISSI, Natália Calderan. *O amor no sertão rosiano: uma leitura de Denseredo e Dão-Lalalão*. 2020. 121f. Dissertação (Mestre em Estudos de Literatura) – Departamento de Letras, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/12832/Rissi%2c%20N%20C%20%20diserta%2c%20a7%2c%20a3o%20Final.pdf?sequence=7&isAllowed=y>. Acesso em 30 jul. 2023.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa - tomo III*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papyrus, 1997.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Tutameia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

SALGUEIRO, Wilberth. Romances ambíguos: paixão e morte em Crônica da casa assassinada e Grande sertão: veredas. *Contexto* - ano XV - n. 14, p. 167-183, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contexto/article/view/6665>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SELIGMANN – SILVA, Marcio. *Grande sertão: veredas* como gesto testemunhal e confessional. *Alea*, Rio de Janeiro. V. 11, n. 1, p. 130-147, jan. – jun. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alea/a/yVcBx745WkQX8TBPNy4GmyK/abstract/?lang=pt#:~:text=O%20trabalho%20apresenta%20uma%20leitura,de%20um%20ouvinte%2Fdos%20leitores>. Acesso em: 10 jul. 2023.

SELIGMANN - SILVA, Marcio. O testemunho como chave ética. *Café Filosófico*. Fundação Padre Anchieta. (29 de abril de 2018). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=08RKcZ5qfx8>. Acesso em: 13 jul. 2023

SELIGMANN - SILVA, Marcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos em catástrofes históricas. *Revista Psicanálise Clínica*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65 - 82, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>. Acesso em 10 jul. 2023

SILVA, Antonio de Pádua Dias. Desejo homoerótico em Grande Sertão: Veredas. *Revista da Anpoll*, [S.l.], v. 1, n. 24, p. 201-226, 2008. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/25>. Acesso em: 15 jul. 2023.

TIBURI, Marcia. Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do Sertão. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 191-2017, jan. - abr. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100010>. Acesso em: 14 jul. 2023.

VIERIA, Marcos André. Real, simbólico e imaginário: a trindade infernal de Jacques Lacan. 2009 (mimeo).

VIEIRA, Trajano. Mosaico Hemenêutico. In.: SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 20 - 35.

VILALVA, Walnice Matos. Riobaldo/Diadorim e o tema da homossexualidade. *Revista Cerrados*, Cidade, v. 17, n. 25, p. 233-243, 2008. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/15303>. Acesso em: 15 jul. 2023.

ZANDOMENICO, Yasmin. Os gostares desconformes em Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. *Itinerários*, Araraquara, n. 48, p. 91-109, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/12301>. Acesso em: 15 jul. 2023.

*Recebido em 31 de julho de 2023
Aceito em 04 de dezembro de 2023*